

Fragmentos extraídos do livro “Memória - A Menina Sem Estrela” / Nelson Rodrigues. Nova Fronteira, 2015.

Capítulo 11.

Já contei o pedido que me fizeram na igreja. Depois da missa, uma senhora veio me dar os pêsames. E sussurrou o apelo: “Não escreva mais sobre velórios. Eu não disse nem que sim nem que não. A senhora passou adiante, e veio o seguinte da fila. E, depois quando recebi o último abraço, sai para a rua. Mas aquilo continuava na minha cabeça. Não escrever mais sobre velórios, nunca mais.

Mas o que a senhora pedia era uma rigorosa impossibilidade. As nossas lembranças estão debruçados sobre velórios e sobre cegos. E eis que me pergunto, ainda hoje: o que é a memória senão um pátio de milagres? Um pátio de agonias e de gemidos e lágrimas de pedra? No capítulo de hoje, vou falar da Espanhola, a epidemia fabulosa.

Falarei também do carnaval que se seguiu à Espanhola. Esse carnaval iria desfigurar a cidade, o seu povo, influir em nossos costumes, sentimentos, ideias, valores. Só não quero falar de cegos. Ou por outra: vou dizer ainda uma palavra sobre minha garotinha. Terminei o capítulo anterior descendo com o dr. Abreu Fialho, o oculista que examinara seus olhos.

Ah, me lembro da grande viagem da rua Visconde de Pirajá, ao posto 6. Dr. Abreu Fialho guiava, ele mesmo, o carro; vou ao seu lado, na frente. Ele fala. Estamos entrando em General Osório; mais adiante, começa Francisco Sá. As pessoas que passam são as mesmas da véspera, e de outras vésperas, e de todos os dias passados, presentes e futuros. Eu sinto a vontade contrafeita do médico, a sua compaixão não confessa, apenas insinuada. Minha vontade foi fazer-lhe, à queima-roupa, a pergunta: “O senhor acredita na ressurreição de Lázaro?”

Vou dizer a verdade, toda a verdade. Dr. Abreu Fialho, apesar de toda a cerimônia, de toda a polidez exemplar, não dava esperança à minha filha, não concedia uma hipótese compassiva, nada, nada. Agora vem a verdade: eu odiei o dr. Abreu Fialho. Seu nome todo é Sílvio Abreu Fialho. Pois odiei o dr. Sílvio Abreu Fialho. Odiei o oculista que não acreditava em milagre.

Ele fora à minha casa a pedido de d. Lidinha, minha sogra. Examinara minha filha por bondade; e devia ter pena, quem não teria pena, mágoa de uma menininha cega? Eu quase pedi: “Dr. Abreu Fialho, quer me fazer um favor? Minta. Diga que talvez, quem sabe. Invente uma esperança dr. Abreu Fialho!” Mas não me disse nada, nem ele mentiu.

Deixou-me na porta da TV Rio. Eu estava tenso, mas calmo. Apertei-lhe a mão, agradei a carona. E foi só. Mas minha decisão estava tomada. Eu não acreditaria na cegueira da minha filha. Não era cega. Para mim, não. Eu sei que certos casos são clinicamente óbvios. Mas se era óbvio o de minha filha, pior para o óbvio. Ao mesmo tempo, me preparei para uma batalha feroz com todos os oculistas do mundo.

Eles diriam (todos, todos) que minha filha é cega. Mas eu não acreditaria, jamais. Viessem todos à minha porta. Saltassem de ônibus, caminhões na minha porta. E fizessem alarido em minha porta, jurando que Daniela é cega. Eu responderia à massa ululante de especialistas: “Mentira, mentira, quinhentas vezes mentira!” Lembro-me de que, ao chegar em casa, à noite, Lúcia falou-me de tudo, menos da garotinha. Eu estava exausto de odiar dr. Abreu Fialho, ou por outra: já não odiava mais. Olho minha mulher, sinto a sua calma intensa, a sua apaixonada serenidade. Eu sabia, ela sabia. Mas não lhe disse nada, nem ela a mim. Houve um momento em que Lúcia me perguntou: “O que é que o dr. Abreu Fialho te disse?” Mentí: “Aquilo mesmo.”

No dia seguinte fomos ao dr. Paulo Filho. Minto. O dr. Paulo Filho é que veio a nós. Era amigo do dr. Cruz Lima e meu amigo. D. Lidinha o chamara. Nos braços da mãe, Daniela era infinitamente miúda. Dr. Paulo Filho pôs, em cada olho, a pequenina chama da lâmpada. Eu, ao lado, mudo. Ele acaba o exame e vai falar. Disse a sua verdade: um olho perdido, mas outro vivia. Pergunto: “Há esperança? Há?” Ele acreditava que, numa das vistas, a boa (ou melhor), a menina viesse a ter uns vinte por cento de visão. Minha alegria morrera. Eu pensava: “Está mentindo” Quando se despediu, me precipitei: “Vou com o senhor.”

Ainda no elevador, crispei minha mão no seu braço: “Eu quero saber a verdade. Aquilo que o senhor disse é fato? Pode falar, doutor, não me esconda nada”. E repeti: “Quero a verdade e nada mais.” Foi taxativo: “É isso mesmo. Eu acredito que, na vista melhor, a menina venha a ter uns vinte por cento de visão.” Eu não queria mais do que os vinte por cento. Ou até dez. Dez por cento. Se Daniela tivesse dez por cento de visão, numa das vistas, ela seria para mim uma nababa de luz.

Hoje minha garotinha tem três anos e meio. Eu a carrego e vejo os seus olhos. São de um azul doce, triste, diáfano. Ainda não enxerga. Não faz mal. Direi a todos os oculistas do céu e da terra: “Não é cega”. De vez em quando tenho vontade de telefonar para o dr. Abreu Fialho e contar-lhe que, por um momento, fui colhido por um surto de ódio tremendo.

Aqui deixo de falar dos cegos. Mas antes de passar para a Espanhola, quero dizer uma palavra final. O oculista que desenganar os olhos se minha filha estará fazendo como aquele menino da rua Alegre. Sim aquele menino que furou com o alfinete, os olhos do passarinho. Bem vamos pensar na Espanhola.

Ora a gripe foi, justamente, a morte sem velório. Morria-se em massa. E foi de repente. De um dia para o outro, todo mundo começou a morrer. Os primeiros ainda foram chorados, velados, floridos. Mas quando a cidade sentiu que era mesmo a peste, ninguém chorou mais nem velou, nem floriu. O velório seria um luxo insuportável para os outros defuntos.

Era em 1918. A morte estava no ar e repito, difusa, volatizada, atmosférica; todos a respiravam. Na minha janela olhava a rua Alegre, eu olhava a rua. As casas tristes, inconsoláveis. Mais adiante em Pereira Nunes, morava Adolfo Bloch. Teria seus dez anos, talvez. Andava perdido, pelas esquinas de Aldeia Campista, como um órfão total. Hoje Adolfo mora num palácio; seu chão é de mármore. Vizinho do Copa, suas varandas pendem, por um lado, para a piscina; e de outro lado, para o grande mar. Mas em 1918, Adolfo era um menino miserável, e tão humilhado e tão ofendido.

Não, não estou fazendo confusão de datas. Em 1918, Adolfo ainda não estava em Pereira Nunes, nem no Brasil. Viria para cá em 1922, só em 1922. Mas como eu ia dizendo: durante toda a Espanhola, a cidade viveu à sombra dos mortos sem caixão.

8/3/1967

Capítulo 12.

Escrevi, certa vez, uma crônica meio cruel, e da qual me arrependi. Dizia eu que não há ninguém mais narcisista do que o defunto. Ele está sempre bem-posto; é solene, hierático, como um mordomo de filme policial inglês. E me lembro de que, na ocasião, contei um episódio de rara impiedade.

Eis o fato: pouco antes, morrera um pastor protestante do meu bairro. Residia a duas quadras lá de casa. De noite, descí do bonde e passei pela sua porta. Seria deselegante (vá lá de

deselegante) não entrar. Tomei coragem e fui cumprimentar a viúva e demais parentes. E comigo entrou um bêbado, vejam vocês. O sujeito não conhecia ninguém, ali. Mas vira o ajuntamento e resolvera espiar. E, então aconteceu esta coisa inédita e abominável: ao ver o defunto de gravatinha-borboleta, o pau-d'água começou a rir e continuou rindo num crescendo pavoroso.

Suas gargalhadas iam de uma esquina a outra e atravessavam a noite. Imediatamente, cães da vizinhança responderam. E esse alarido canino propagou-se de quintal em quintal, acordando os galos, que, por sua vez, começaram a cantar fora de hora. Nos terrenos baldios, faunos e vampiros também esganiçavam o riso torpe. E só o morto, com sua gravatinha-borboleta, permaneceu incomovível. O bêbado não alterou, em nada, a sua correção atroz de mordomo de filme policial.

Contei a fábula para chegar à Espanhola. Claro que em 1918, isto aqui era um outro Rio, o Rio dos lampiões, dos bondes e dos enterros residenciais. Se não existiam mais as carruagens de Dumas pai, ainda se podia passear em tílburis machadianos. Botafogo era Machado de Assis puro.

E foi nesse Rio absurdo que a gripe desabou. Na fábula acima, vimos que o defunto no seu narcisismo obsessivo foi ao requinte da gravatinha-borboleta. Mas a Espanhola não fazia nenhuma concessão à vaidade dos mortos. E o apavorante eram a solidão, o abandono e sobretudo, a humilhação do cadáver.

Morrer na cama era um privilégio abusivo e aristocrático. O sujeito morria nos lugares mais impróprios, insuspeitados: na varanda, na janela, na calçada, na esquina, no botequim. Normalmente, o agonizante põe-se a imaginar a reação dos parentes, amigos e desafetos. Na Espanhola não havia reação nenhuma. Muitos caíam, rente ao meio-fio, com a cara enfiada no ralo. E ficavam lá, estendidos, não como mortos, mas como bêbados. Ninguém os chorava, ninguém. Nem um vira-lata vinha lambê-los. Era como se o cadáver não tivesse nem mãe, nem pai, nem amigo, nem vizinho e, nem ao menos inimigo.

O sujeito morria sem vela. Nós sabemos o que é e como é o brasileiro. Acontece aqui uma coisa misteriosíssima e linda. Se o sujeito morre na rua, atropelado ou por outro motivo qualquer, surge instantaneamente uma vela ao seu lado. É automático. Não importa que seja na Presidente Vargas, no Mangue, na Avenida Brasil ou num descampado da Boca do Mato. Ninguém sabe, e não saberá jamais quem pôs a vela, e que fósforo a acendeu. A chama trêmula, que nenhum vento apaga, torna a morte mais amiga, mais compadecida e mais feérica.

Pois essa estrela dos atropelados, essa estrela de esquina, de meio-fio, de asfalto não ardeu pelos mortos da Espanhola. Eu, da minha janela espiava os caminhões passando. E não entendia mais nada. Antes da gripe, achava a morte rigorosamente linda. Linda pelos cavalos, e pelas plumas negras, e pelos dourados, e pelas alças de prata. Lembro-me de que, na primeira morte adulta que vi, cravou-se em mim a lembrança dos sapatos, inconsoláveis, tristíssimos sapatos. A Espanhola arrancou tudo, pisou nas dalias, estraçalhou as coroas.

Diz alguém que a cama é um móvel metafísico, onde o homem nasce, sonha, ama e morre. Em 1918, a esquina, e o botequim, e a calçada, e o meio-fio seriam metafísicos também. Porque lá se morria, a toda hora. Mas eis o que eu queria dizer: vinha o caminhão de limpeza pública e ia recolhendo e empilhando os defuntos. Mas nem só os mortos eram assim apanhados no caminho. Muitos ainda viviam. Mas nem família, nem coveiros, ninguém tinha paciência. Ia alguém para o portão gritar para a carroça de lixo: "Aqui tem um! Aqui tem um!" E então, a carroça, ou o caminhão parava. O cadáver era atirado em cima dos outros. Ninguém chorando ninguém.

E o homem da carroça não tinha melindres nem pudores. Levava doentes ainda estrebuchando. No cemitério, tudo era possível. Os coveiros acabavam de matar, a pau, picareta, os agonizantes. Nada de túmulos exclusivos. Todo mundo era despejado em buracos, crateras hediondas. Por vezes, a vala era tão superficial que, de repente, um pé florescia na terra, ou emergia uma mão cheia de bichos.

Ninguém se lembraria de fazer uma missa de sétimo dia. O brasileiro é um homem de fé. Conheço patrícios que têm, ao mesmo tempo, três, quatro religiões. Pois na Espanhola, ninguém acreditava em nada. O sujeito mal tinha tempo e morrer. E eu cada vez entendia menos aqueles enterros fulminantes, sem dourados, sem cavalos, sem penachos.

Porque a peste? Eu ouvia dizer que os culpados eram os mortos insepultos da guerra. O nome “Espanhola” era realmente um mistério. Lá em casa todos caíram de cama, menos eu. Meu irmão Augusto, recém-nascido, era um pequenino esqueleto, com um leve, diáfano revestimento de pele. Mas não chorava nem gemia. Tão quieto que mais parecia um martírio consentido. Houve uma noite, uma tarde não sei, em que parecia agonizar, Mas de repente, abriu os olhos, sorriu, numa euforia de anjo e sobreviveu.

De repente, passou a gripe. Ninguém pensava nos mortos atirados nas valas, uns por cima dos outros. Lá estavam, humilhados e ofendidos, numa promiscuidade abjeta. A peste deixara nos sobreviventes não o medo, não o espanto, não o ressentimento, mas o puro tédio da morte. Eu me lembro de um vizinho perguntando: “Quem não morreu na Espanhola?” E ninguém percebeu que uma cidade morria, que o Rio machadiano estava entre os finados. Uma outra cidade ia nascer. Logo depois explodiu o carnaval. E foi um desabamento de usos, costumes, valores, pudores.

9/3/1967.